

Narcisismo e castração: articuladores para uma escuta analítica não estereotipada

Ana Cecília Carvalho e Riva Satovschi Schwartzmann

O trabalho pretende propor os conceitos de Narcisismo e Castração como privilegiados na escuta analítica.

É comum e inevitável dizer-se do entrelaçamento dos conceitos psicanalíticos (Mezan, R. 1988). A própria organização do dicionário de Laplanche e Pontalis (1977) faz com que o leitor percorra vários verbetes cada vez que se interessa por um determinado conceito. Esta interdependência dos conceitos não deve, entretanto, nos fazer crer que seja inerente ao corpo teórico da Psicanálise uma circularidade conceitual fechada em si mesma. Pelo contrário, este aparente impasse epistemológico aponta para uma hierarquização dos conceitos psicanalíticos, em que a posição de privilégio de certos conceitos (Birman, J. 1989) quebra a circularidade, elucida a escuta clínica, desnuda o núcleo produtor da repetição patológica e constrói o indispensável elo de ligação entre a fala do analisando e a bagagem teórica do analista. Tais conceitos se colocam numa

ordem de abstração intermediária que os torna essenciais para a construção organizadora do arcabouço conceitual psicanalítico mais abrangente, ocupando posição instrumental indispensável à escuta.

Este trabalho pretende justamente propor os conceitos de Narcisismo e Castração como conceitos de privilégio na escuta analítica, discutindo tal proposta através da apresentação de um caso clínico. A escolha desses conceitos não é de forma alguma arbitrária. Dentre os muitos e ricos caminhos para a articulação entre a fala do analisando e o corpo conceitual

* Trabalho apresentado durante o VIII Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise (I Fórum Brasileiro de Psicanálise), realizado em Belo Horizonte, de 6 a 9 de setembro de 1990.

Ana Cecília Carvalho e Riva Satovschi Schwartzmann - Professores-adjuntas do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.

psicanalítico, o entrelaçamento entre Narcisismo e Castração apresenta-se como um inevitável primeiro operador conceitual, por captar, em sua expressão mais imediata, as nuances de cada história singular de constituição da subjetividade. O que apresentamos aqui é a relação entre Narcisismo e Castração como captadora da expressão dos núcleos constituintes da história singular da subjetividade, tal como é atualizada na transferência.

O reconhecimento da importância dos conceitos de Narcisismo e Castração está estabelecido desde suas primeiras postulações no texto freudiano. Sem pretender fazer uma reconstrução da evolução desses conceitos na literatura psicanalítica — o que fugiria aos limites deste trabalho —, não podemos, contudo, deixar de tecer alguns comentários relevantes para nossa discussão.

No que tange ao conceito de Narcisismo, devemos reafirmar que a urgência de sua postulação responde à necessidade de um arcabouço conceitual elucidativo do fenômeno psicótico, como nos mostrou Freud em 1991 no Caso Schreber. Mais ainda, a abordagem à estrutura psicótica feita por Jacques Lacan revela o alcance do Narcisismo como fundante da constituição da subjetividade em geral (Lacan, J. 1985). Quanto ao conceito de Castração, embora Freud tenha insistido em contextualizá-lo em relação à fantasia da perda do pênis (Freud, S. 1909), é nosso juízo que uma boa leitura dessa exigência não se faça em nível literal restritivo. Pelo contrário, ela deve apontar para a multiplicidade de ameaças a uma colocação onipotente do sujeito em constituição. Isso fica mais evidenciado quando se pensa que, nos caminhos da constituição da subjetividade, um primeiro posicionamento onipotente é neces-

sário até que a inevitabilidade da castração retire o sujeito em constituição dessa posição. Os inúmeros meandros produzidos nesse entrechoque cunham as marcas da história de cada um, as quais tornam audível, em sua repetição na situação transferencial, a estrutura clínica que retrata a história de um analisando. O potencial elucidativo desses conceitos só é plenamente alcançado quando colocados na indissociabilidade de sua relação.

Antes de passarmos à discussão do caso clínico, nunca é demais lembrar os riscos de se

drontada diante de pessoas que ela considerava superiores ou em posição de autoridade. Dizia ficar muito embaraçada quando devia assinar seu nome diante de qualquer pessoa. Essas tarefas aparentemente simples, junto com pequenas explanações verbais, acabaram por constituir fonte de grande ansiedade para M. por serem exigência constante em seu trabalho. Reuniões sociais eram também fonte de grande desconforto, já que despertavam nela uma sensação de falsidade e estranheza: achava que, se fosse expressar seus sentimentos e pen-

samentos, as pessoas logo descobririam sua maldade, inferioridade e fraqueza.

No momento em que M veio para a análise, seu casamento estava se deteriorando. Ela e o marido quase não se falavam, evitando-se de todas as maneiras. Dizia estar se sentindo muito só e expressou uma opinião forte-

mente desfavorável em relação ao marido. Relatou que, quando o conheceu, acabara de sofrer a ruptura traumática de um noivado com um rapaz de uma família rica na sua cidade, o qual se casou em seguida com uma moça de posição social elevada. Apesar de considerar o marido em posição social e econômica inferior à sua, viu, nesse casamento, a única saída. Logo após o casamento, seu marido, depois de dar um desfalque na firma onde trabalhava, viajou mediante uma pobre explicação, deixando-a respon-

Nos caminhos da constituição da subjetividade, um primeiro posicionamento onipotente é necessário até que a inevitabilidade da castração retire o sujeito em constituição dessa posição.

tomar este empenho de polimento conceitual de forma estereotipada, o que destruiria o esforço aqui feito no sentido de encontrar subsídios para a construção interpretativa potencialmente resgatadora da singularidade da história do analisando. Além disso, a compreensão teórica aqui enfocada só é pertinente — como é o caso em toda construção teórica psicanalítica — pelo caminho do trabalho retrospectivo que a define.

M. veio buscar análise por se sentir tímida, insegura e ame-

sável por parte do encargo da dívida. Durante o tempo em que o marido esteve ausente, M teve vários relacionamentos com outros homens, "sem nenhum envolvimento", bastando apenas que recebesse um convite para passar a noite e ela aceitar. Sabia que essas relações seriam insatisfatórias, mas era movida por um desejo de vingança em relação ao marido e também pelo sentimento de solidão.

Da infância e história familiar, M falou pouco, mas o essencial, localizando no seu passado um fato que ela descreveu como um "divisor de águas" na sua vida: quando ela tinha oito anos, seu pai, um próspero fazendeiro na região onde morava, produziu uma falência fraudulenta, o que resultou na perda de todos os bens que a família possuía e também do prestígio social que gozavam. M. foi morar em outra cidade, onde estudou até completar o ginásio, morando em casa de parentes, longe da família. Ao final desse tempo, voltando à sua cidade natal, verificou que a situação financeira da família havia melhorado um pouco, mas haviam perdido irremediavelmente seu lugar na comunidade. A partir daí, ela passou a sentir-se inadequada e envergonhada de si mesma pelo fato de estarem pobres. Retrospectivamente, descreveu o pai como um homem "fraco e sem vontade", tendo deixado por conta da mãe de M a educação dos filhos e, após a falência, também o rumo dos negócios. A mãe de M, descrita como autoritária, forte e controladora, exerceu e ainda exercia sobre ela uma mistura de inveja, medo e admiração. M disse ter sentido muitas vezes o desejo de ser forte e segura como a mãe e diante dela se via invadida pela sensação de inferioridade.

Após as sessões iniciais em que

M. falou de modo fluente e bem articulado sobre sua história pessoal e vida atual, iniciou-se o trabalho no divã, marcado durante vários meses por um obstinado silêncio. Suas produções, às vezes espontâneas, às vezes estimuladas pela analista, eram superficiais, se comparadas com as sessões iniciais, feitas frente a frente. O trabalho seguia lentamente em torno das fantasias que a levavam a resistir à regra fundamental, quando um dia, próximo do final dos primeiros dezoito meses de análise, ela telefonou pedindo uma sessão extra. Veio então para

“Eram tantas as coisas que lhe vinham à cabeça durante a sessão. Por que a analista nunca lhe dizia qual delas deveria dizer? //”

dizer que estava grávida e o pai da criança podia não ser seu marido, já que, como aí revelou, estava tendo um relacionamento extraconjugal. Ficou evidente assim, que ao iniciar a análise, M. já que estava envolvida nesse relacionamento, embora nunca o tivesse mencionado.

Quando interrompeu a análise para ter o filho, M não deu nenhuma demonstração de querer continuar o trabalho depois do parto. Entretanto, meio ano depois, telefonou querendo reiniciar a análise. As duas primeiras

sessões após esse retorno, conduzidas frente a frente, sugeriram à analista a adequação de se continuar o trabalho ainda sem o divã. M havia iniciado nesse período o processo de separação judicial de seu marido, concluído ao final de um ano. Havia decidido que se tornara impossível viver juntos, principalmente depois do nascimento do filho (sem dúvida filho de outro homem), e também por causa das incontáveis demonstrações de irresponsabilidade por parte de seu marido com relação aos seus deveres familiares e sociais.

A volta ao divã intensificou a expressão dos sentimentos de M. com relação à analista. Esta lhe parecia distante e impessoal e lhe inspirava temor e insegurança. Sua fala se tornou então marcada pela dificuldade em associar livremente. Estando deitada, fora do contato visual com a analista, ela se calava. Não só isso: foi aos poucos mostrando um silêncio hostil, como se estivesse "emburrada". Frequentemente reclamava da analista, que ela "não lhe dava a mínima", que certamente "sentada ali atrás ela se divertisse fazendo palavras cruzadas", "que seria melhor ficar deitada em casa falando sozinha para as paredes, já que só ela falava ali", etc. Chegou mesmo, numa sessão, a dizer que havia resolvido interromper a análise, já que "nada disso resolvia coisa nenhuma" e que buscaria um analista homem ou uma analista mais velha. Disse que não suportava o fato de a analista ser "tão elegante" e isso a fazia sentir-se completamente "inferior, feia e burra". Essa enxurrada de reclamações prosseguiu junto com afirmações sobre como era impossível começar a falar, se a analista, como ocorreria com qualquer outra pessoa, não lhe perguntasse nada, nem lhe dissesse se suas coisas estavam

certas ou erradas. Algumas vezes, ao se deitar no divã, tinha muita vontade de falar o que lhe vinha à cabeça, mas paralisava-se com a “palavra presa na garganta”, diante da impossibilidade de saber o que a analista queria ouvir: “Eram tantas as coisas que lhe vinham à cabeça durante a sessão. Por que a analista nunca lhe dizia qual delas deveria dizer?”

A situação difícil nas sessões alcança seu ponto máximo quando M. traz um dia seu diário de adolescente. Nessa sessão, contou que uma passagem do diário revelava o choque que sentira quando, aos quinze anos, já de volta à sua cidade natal, suspeitou que sua mãe estivesse tendo um caso amoroso. Havia descoberto naquela época uma correspondência da mãe em que isso era sugerido, mas, quando a interpelou, foi duramente repreendida. Seguiu-se a essa sessão um agravamento do silêncio de M. que não deixava dúvidas de que era algo hostilmente dirigido contra a analista. Entretanto, esta situação se desfez imediatamente quando, diante da insistência de M para que a analista “lhe ensinasse o que dizer”, esta lhe respondeu que não poderia fazê-lo, porque “não sabia as palavras que estavam na cabeça dela”.

Imaginamos que o ouvido analítico já tenha captado as muitas repetições aqui registradas. Interessa-nos, contudo, a dor narcísica que define a queixa inicial e, muito especialmente, as que são produzidas na transferência. Não há dúvida de que, estando nós diante de uma estrutura neurótica, conceitos primordiais como os de identificação e complexo de Édipo saltam ao ouvido. A questão que colocamos aqui, contudo, é que isso por si só não decide em primeira instância a escuta na transferência. O traba-

lho de escuta na transferência utiliza-se — seja isso reconhecido ou não — de conceitos de nível intermediário de abstração. Mais uma vez afirmamos aí a posição de privilégio do entrelaçamento entre os conceitos de Narcisismo e Castração. Vejamos isso no caso acima relatado.

Para a construção interpretativa deste caso, é indispensável valorizar o emburramento, os comentários a respeito da analista, a omissão dos segredos amorosos, pois são esses elementos transferenciais que permitem ver aí a repetição dirigida

O trabalho de escuta na transferência utiliza-se — seja isso reconhecido ou não — de conceitos de nível intermediário de abstração.

primeiramente à figura materna, sob a forma de um convite ambivalente para que a analista, de um lado, enuncie o código da fala que a analisanda deveria cumprir e nele superar a competência da analista (“diga o que há em suas cartas”). Do outro, um convite mais grave e desesperado para que a analista se confesse despossuída de tal código. Isso fica retrospectivamente transparente no momento crucial em que a analista, ao dizer de modo direto e simples que não poderia dizer em seu lugar o que estava

na cabeça dela, rompe como por encanto o emburramento da analisanda*. Articulando esse incidente (um dentre inúmeros da mesma natureza repetidos no processo analítico) com a trama conceitual aqui esboçada, a analista retira-se aí da fantasia de que estivesse ocupando uma posição poderosa ao mostrar-se “não sábia” — isto é, castrada, mas não destruída.

Da mesma maneira, a omissão dos segredos amorosos coloca M aparentemente numa posição de controle sobre a analista, como se fosse assim possível recompor diante desta a imagem de menos-valia que a analisanda expressa sobre si mesma (“mais feia, mais burra”, etc.). Paradoxalmente, “emburrando” (não falando e tornando-se burra), ao tentar aliviar uma chaga narcísica pelo desafio à castração, ela mais a aumenta.

Tendo isso sido captado na concretude da transferência, podemos enfim nos perguntar sobre o que, na história de M, constitui o núcleo gerador do conflito que assim, singularmente, se expressa. É aí então que os episódios lembrados tomam sentido em sua repetição: a falência fraudulenta do pai e a escolha de um marido produtor de delitos financeiros; o suposto relacionamento extraconjugal da mãe que teria resultado no nascimento de um filho ilegítimo e o filho adúltero de M; a escolha de homens definidos como “inferiores” e a posição de “inferioridade” na qual a família se viu atirada pelos descaminhos do pai.

Na repetição transferencial, a analista é convocada a servir de anteparo para a busca oscilante de M. em ocupar com competência declaradamente maior ora a posição da mãe, ora a posição insuficiente do pai. Ambas as tentativas se articulam num empenho de fazer melhor que eles o traba-

lho de restaurar a posição fantasiada de poder da família na qual nada poderia produzir chagas narcísicas. Dolorosamente, como sabemos tratar-se tudo isso de produção neurótica, esses empenhos de "cura" pela recomposição narcísica mais acentuam a ferida.

Atualmente, a aceitação da castração que começa a se esboçar na retomada da fala pela associação livre, indicando um acatamento da direção do trabalho analítico definida pela analista, aponta para a possibilidade do desvelamento da queixa inicial: não poder falar em público, sensação de falsidade, não poder assinar seu nome diante dos outros, etc.

A discussão aqui apresentada é uma afirmação da necessidade e da pertinência de trabalhar-se, na práxis psicanalítica e na produção conceitual, com conceitos de nível de abstração intermediária, tais como pensamos ser os conceitos de Narcisismo e Castração. Esses conceitos articulam, por um lado, a escuta do analista ao corpo conceitual de nível de abstração mais elevada e, por outro, possibilitam a construção de uma psicopatologia psicanalítica que resulta em uma maior aproximação entre a singularidade da história do analisando, tal como falada, e a compreensão teórica do analista.

BIBLIOGRAFIA

- Birman, J. Freud e a Experiência Psicanalítica. R. J., Livraria Taurus-Timbre Editores, 1989.
- Freud, S. Análise de uma Fobia em um Menino de Cinco Anos. Edição Standard das Obras Completas de S. Freud. R.J., Editora Imago, Vol. X.
- O Caso de Schreber. Edição Standard das Obras Completas de S. Freud. R.J., Editora Imago, Vol. XII.
- Lacan, J. Seminário 3: As Psicoses. R.J., Jorge Zahar Editores, 1985.
- Laplanche, J. e Pontalis, J.B. O Vocabulário da Psicanálise. Lisboa, Editores Moraes, 1977.
- Mezan, R. Pode-se Ensinar Psicanaliticamente a Psicanálise? In Mezan, R. A Vingança da Esfinge. S.P., Editora Brasiliense, 1988.